



## Helena

MACHADO DE ASSIS nasceu em 21 de junho de 1839, no Morro do Livramento, nos arredores do centro do Rio de Janeiro. Seu pai, Francisco José de Assis, era “pardo” e neto de escravos; sua mãe, Maria Leopoldina Machado, era açoriana. Ainda criança, perdeu a mãe e uma irmã, e, em 1851, o pai. Foi criado pela madrasta e cedo mostrou inclinação para as letras.

Começou a publicar poesia aos quinze anos, na *Marmota Fluminense*, e no ano seguinte entrou para a Imprensa Nacional, como aprendiz de tipógrafo. Aí conheceu Manuel Antônio de Almeida e mais tarde Francisco de Paula Brito, liberal e livreiro, para quem trabalhou como revisor e caixeiro. Passou então a colaborar em diversos jornais e revistas.

Publicou seu primeiro livro de poesias, *Crisálidas*, em 1864. *Contos fluminenses*, sua primeira coletânea de histórias curtas, saiu em 1870. Dois anos depois, veio a lume o primeiro romance, *Ressurreição*. Ao longo da década de 1870, publicaria mais três: *A mão e a luva*, *Helena* e *Iaiá Garcia*. Seu primeiro grande romance, no entanto, foi *Memórias póstumas de Brás Cubas*, publicado em 1881. *Papéis avulsos*, de 1882, foi sua primeira coletânea de contos dessa fase. Em 1889, publicou *Dom Casmurro*.

Em dezembro de 1881, com “Teoria do medalhão”, começou a colaboração na *Gazeta de Notícias*. Ao longo de dezesseis anos, escreveria mais de quatrocentas crônicas para o periódico. Em 1897, foi eleito presidente da Academia Brasileira de Letras, instituição que ajudara a fundar no ano anterior.

Morreu em 29 de setembro de 1908, aos 69 anos de idade.

MARTA DE SENNA é pesquisadora titular da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Sobre Machado de Assis, publicou *O olhar oblíquo do Bruxo* (2ª ed. 2008) e *Alusão e zombaria* (2ª ed. 2008), além de artigos em periódicos. É res-

ponsável pelo site [www.machadodeassis.net](http://www.machadodeassis.net), com uma base de dados das citações e alusões na ficção machadiana, além dos romances e contos do autor em hipertexto.

MARCELO DIEGO é mestre em literatura comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e atualmente aluno do programa de doutorado em literatura brasileira do Departamento de Espanhol e Português da Universidade de Princeton. Sobre Machado de Assis, publicou três artigos em periódicos. Há alguns anos vem colaborando com Marta de Senna na edição eletrônica de romances e contos do autor.

Machado de Assis

# Helena

*Estabelecimento de texto, introdução  
e notas de*

MARTA DE SENNA

MARCELO DIEGO



PENGUIN

---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright das notas © 2017 by Marta de Senna e Marcelo Diego

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association  
with Penguin Group (USA) Inc.

REVISÃO

Luciane Helena Gomide

Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Assis, Machado de, 1839-1908.

Helena / Machado de Assis ; estabelecimento de texto, introdução e notas de Marta de Senna, Marcelo Diego. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.

ISBN 978-85-8285-028-2

I. Romance brasileiro I. Senna, Marta de. II. Diego, Marcelo. III. Título.

18-00023

CDD-869.3

---

Índice para catálogo sistemático:

I. Romances: Literatura brasileira 869.3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.penguincompanhia.com.br](http://www.penguincompanhia.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

# Sumário

Introdução — Marta de Senna e Marcelo Diego	7
Nota desta edição	37
HELENA	41
<i>Cronologia</i>	267
<i>Outras leituras</i>	271

## Nota desta edição

*Helena* saiu pela primeira vez em livro em 1876. Em 1905, veio à luz a segunda edição, ainda em vida do autor, o que, em princípio, a tornaria o texto a partir do qual se deveria fazer a preparação de edições fidedignas do romance.

No entanto, por causa de uma gralha na impressão da primeira edição, logo na primeira frase do primeiro capítulo, a segunda edição consagrou, para as futuras, a data de abril de 1859 para a morte do conselheiro Vale, acontecimento que desencadeia toda a trama do romance. Na verdade, o ano só pode ser 1850, tal como está na primeira edição, embora — como já se disse na Introdução — o quadrante esquerdo inferior do algarismo zero, nessa edição, esteja mal impresso, quase apagado, e daí seja possível deduzir a origem do erro que se perpetuou em todas as edições seguintes. A data que Helena põe no desenho que oferece a Estácio no capítulo XI, julho de 1850, o comprova, indicando também que toda a ação se desenrola nesse ano.

O relato desse equívoco serve, quanto mais não seja, para indicar que no trabalho de estabelecimento de textos literários não pode haver regras fixas e que o melhor será sempre compulsar mais de uma edição. Assim, o procedimento aqui adotado foi tomar como fonte a primeira edição e, sempre que foram encontradas discrepâncias, consultar também a segunda (1905), a da Comissão Machado de Assis, de 1975, e a preparada por José Galante de Sousa

e supervisionada por Adriano da Gama Kury, publicada em coedição pela Garnier (Belo Horizonte) e pelas Edições Casa de Rui Barbosa (Rio de Janeiro), em 1988.

Na preparação deste texto, foram tomadas algumas decisões editoriais, das quais é preciso dar conta ao leitor. Períodos da história do Brasil (“Primeiro Reinado”) bem como instituições (“Câmara dos Deputados”) tiveram seus nomes escritos com inicial maiúscula. Pronomes de tratamento foram abreviados e grafados com maiúscula inicial (“Sr.,” “Dr.,” “D.”). Procuramos respeitar certas peculiaridades da linguagem machadiana como, por exemplo, o uso de “até ao” ou “até à”, hoje em desuso no português do Brasil, mas comum em Portugal ainda no século XXI (“Helena estava de pé, no mesmo lugar, e percorria rapidamente as linhas, até ao final da última página”); ou o emprego do modo indicativo depois de “talvez” (“Talvez hesitava falar; talvez buscava o melhor meio de dizer o que tinha no coração”); ou o uso da grafia antiga de algumas palavras, desde que ainda consignadas nos principais dicionários brasileiros (“céptico”, “gérmen”, “inacessível”); ou o de construções como “partira para Europa”, que foram “corrigidas” em edições posteriores (“para a Europa”); ou, ainda, a utilização do pronome pessoal oblíquo “lhe” como sujeito do infinitivo, quando o uso gramaticalmente preconizado é o de “o” (“mas a segurança da moça logo lhe deixou ver [...]”).

Como sempre, uma das maiores dificuldades é a pontuação. Ao preparar esta edição, optamos por uma política a meio caminho entre uma atualização radical, de acordo com as normas presentemente vigentes, e o respeito à pontuação de Machado de Assis e, de modo geral, dos autores do século XIX, brasileiros e portugueses. Para citar dois exemplos: mantivemos todas as vírgulas antes da aditiva “e” precedendo verbos cujo sujeito era precisamente o mesmo da oração anterior (“Helena ouvia com um sorriso, e respondia com um gracejo [...]”); bem como as vírgulas

em cujo uso percebemos um gesto estilístico (“O filho do conselheiro atravessou sozinho a chácara; ia pensativo, e aborrecido”). Diante da inconsistência no emprego/ não emprego de vírgula depois de locuções adverbiais, às vezes dentro de um mesmo período, optamos por deixar como está nas edições consultadas (“De longe, via-a através da névoa luminosa da imaginação; ao pé era difícil que Eugênia conservasse os dotes que ele lhe emprestava”). Por outro lado, nos casos em que consideramos que a vírgula (ou a ausência dela) comprometia o melhor entendimento do texto, não hesitamos em intervir, como ocorreu no caso de vírgulas precedendo orações adjetivas restritivas (que suprimimos) e de falta de vírgulas precedendo orações adjetivas explicativas (que inserimos). Pelo mesmo motivo, assinalamos as elipses verbais com vírgula (“Tinha as feições duras e frias, os olhos, perscrutadores e sagazes [...]”).

Usaram-se travessões para indicar diálogos. O que é expressão de um pensamento da personagem, algo que ela diz a si mesma, foi posto entre aspas. Quanto aos numerais, foram grafados por extenso, o que é o uso predominante na prosa do autor. Adotou-se esse procedimento pelo mesmo motivo pelo qual se mantiveram em língua estrangeira os vocábulos assim escritos na primeira edição, por acreditar-se que tudo isso contribui para aquilo que se poderia chamar de “atmosfera textual” machadiana. Pelo mesmo motivo, em “terra”, mesmo quando o substantivo designa o planeta, foi mantida a inicial minúscula.

Esta não pretende ser uma edição crítica. Publicada inicialmente como hipertexto no portal [www.machadodeassis.net](http://www.machadodeassis.net), sai agora em livro, com o mesmo objetivo: produzir uma edição fidedigna do texto machadiano que, através de notas explicativas, encurta a distância entre o leitor do século XXI e o enorme universo de referências de natureza histórico-cultural de Machado de Assis.

A presente edição resulta de pesquisa realizada na Fundação Casa de Rui Barbosa por uma equipe coordenada

pela pesquisadora Marta de Senna. Na preparação da edição, participaram, especificamente, Marcelo da Rocha Lima Diego e Camila Abreu de Carvalho. Marcelo teve participação decisiva na fixação do texto, e Camila colaborou na pesquisa para a elaboração das notas. Na sua versão eletrônica, a edição de *Helena* contou ainda com o técnico Eduardo Pinheiro da Costa, responsável por toda a informática do projeto. A pesquisa teve o apoio do CNPq (na forma de bolsa de Produtividade em Pesquisa para a coordenadora e de bolsas de Iniciação Científica e de Apoio Técnico, ao longo de todo o projeto) e da Faperj (da qual o projeto recebeu auxílio para compra de equipamento), órgãos aos quais se registra aqui um agradecimento entusiasmado. Na Fundação Casa de Rui Barbosa, esse agradecimento é feito, com igual entusiasmo, a Rachel Valença, à época diretora do Centro de Pesquisa, e a José Almino de Alencar e Silva Neto, então presidente da Casa.

Helena

## Advertência

Esta nova edição de *Helena* sai com várias emendas de linguagem e outras, que não alteram a feição do livro. Ele é o mesmo da data em que o compus e imprimi, diverso do que o tempo me fez depois, correspondendo assim ao capítulo da história do meu espírito, naquele ano de 1876.

Não me culpeis pelo que lhes achardes romanesco. Dos que então fiz, este me era particularmente prezado. Agora mesmo, que há tanto me fui a outras e diferentes páginas, ouço um eco remoto ao reler estas, eco de mocidade e fé ingênua. É claro que, em nenhum caso, lhes tiraria a feição passada; cada obra pertence ao seu tempo.

M. de A.

O conselheiro Vale morreu às sete horas da noite de 25 de abril de 1850.<sup>1</sup> Morreu de apoplexia fulminante, pouco depois de *cochilar* a sesta — segundo costumava dizer —, e quando se preparava a ir jogar a usual partida de voltarete em casa de um desembargador, seu amigo. O Dr. Camargo, chamado à pressa, nem chegou a tempo de empregar os recursos da ciência; o padre Melchior não pôde dar-lhe as consolações da religião: a morte fora instantânea.

No dia seguinte fez-se o enterro, que foi um dos mais concorridos que ainda viram os moradores do Andaraí.<sup>2</sup>

---

1 Quase todas as edições posteriores à primeira (inclusive a segunda, publicada ainda em vida de Machado de Assis, em 1905) trazem a data de 1859, o que não é coerente com o enredo do romance, já que, no capítulo XI, Helena data de 25 de julho de 1850 um desenho que oferece ao irmão cerca de três meses depois de ter ido morar com a família. A provável causa do equívoco e de sua repetição pelos anos afora é o fato de, na primeira edição, a impressão do zero de “1850” estar falhada, induzindo ao erro.

2 O Andaraí é um bairro localizado na zona norte do Rio de Janeiro, entre Tijuca, Vila Isabel e Grajaú. É um dos bairros mais antigos da cidade e seu nome provém da expressão indígena “Andirá-y”, “rio dos morcegos”, rio este que, hoje canalizado, tem o nome de rio Joana. No século XIX, o bairro era dividido em Andaraí Grande (o Andaraí atual, Vila Isabel e

Cerca de duzentas pessoas acompanharam o finado até à morada última, achando-se representadas entre elas as primeiras classes da sociedade. O conselheiro, posto não figurasse em nenhum grande cargo do Estado, ocupava elevado lugar na sociedade, pelas relações adquiridas, cabedais, educação e tradições de família. Seu pai fora magistrado no tempo colonial, e figura de certa influência na corte do último vice-rei.<sup>3</sup> Pelo lado materno descendia de uma das mais distintas famílias paulistas. Ele próprio exercera dous empregos, havendo-se com habilidade e decoro, do que lhe adveio a carta de conselho e a estima dos homens públicos. Sem embargo do ardor político do tempo, não estava ligado a nenhum dos dous partidos,<sup>4</sup> conservando em ambos preciosas amizades, que ali se acharam na ocasião de o dar à sepultura. Tinha, entretanto, tais ou quais ideias políticas, colhidas nas fronteiras conservadoras e liberais, justamente no ponto em que os dous domínios podem confundir-se. Se nenhuma saudade partidária lhe deitou a última pá de terra, matrona houve, e não só uma, que viu ir a enterrar com ele a melhor página da sua mocidade.

A família do conselheiro compunha-se de duas pessoas: um filho, o Dr. Estácio, e uma irmã, D. Úrsula. Contava esta cinquenta e poucos anos; era solteira; vivera sem-

---

Grajaú) e Andaraí Pequeno (parte da atual Tijuca). Na época em que se passa o romance *Helena* (meados do século XIX), havia no bairro inúmeras propriedades (chácaras) de caráter praticamente rural.

3 O último vice-rei do Brasil foi D. Marcos de Noronha e Brito, que governou de 21 de agosto (ou, segundo alguns historiadores, de 14 de outubro) de 1806 a 22 de janeiro de 1808, quando D. João, príncipe-regente de Portugal, transferiu para o Brasil a sede da monarquia portuguesa.

4 Durante o Segundo Reinado, havia dois partidos políticos no Brasil, o Partido Liberal e o Partido Conservador.

pre com o irmão, cuja casa dirigia desde o falecimento da cunhada. Estácio tinha vinte e sete anos, e era formado em matemáticas. O conselheiro tentara encarrerá-lo na política, depois na diplomacia; mas nenhum desses projetos teve começo de execução.

O Dr. Camargo, médico e velho amigo da casa, logo que regressou do enterro, foi ter com Estácio, a quem encontrou no gabinete particular do finado, em companhia de D. Úrsula. Também a dor tem suas volúpias: tia e sobrinho queriam nutri-la com a presença dos objetos pessoais do morto no lugar de suas predileções quotidianas. Duas tristes luzes alumiam aquela pequena sala. Alguns momentos correram de profundo silêncio entre os três. O primeiro que o rompeu foi o médico.

— Seu pai deixou testamento?

— Não sei — respondeu Estácio.

Camargo mordeu a ponta do bigode, duas ou três vezes, gesto que lhe era habitual quando fazia alguma reflexão.

— É preciso procurá-lo — continuou ele. — Quer que o ajude?

Estácio apertou-lhe afetuosamente a mão.

— A morte de meu pai — disse o moço — não alterou nada as nossas relações. Subsiste a confiança anterior, do mesmo modo que a amizade, já provada e antiga.

A secretária estava fechada; Estácio deu a chave ao médico; este abriu o móvel sem nenhuma comoção exterior. Interiormente estava abalado. O que se lhe podia notar nos olhos era uma viva curiosidade, expressão em que, aliás, nenhum dos outros reparou. Logo que começou a revolver os papéis, a mão do médico tornou-se mais febril. Quando achou o testamento, houve em seus olhos um breve lampejo, a que sucedeu a serenidade habitual.

— É isso? — perguntou Estácio.

Camargo não respondeu logo; olhou para o papel, como a querer adivinhar o conteúdo. O silêncio foi muito demorado para não fazer impressão no moço, que aliás

nada disse, porque o atribuíra à comoção natural do amigo em tão dolorosas circunstâncias.

— Sabem o que estará aqui dentro? — disse enfim Camargo. — Talvez uma lacuna ou um grande excesso.

Nem Estácio nem D. Úrsula pediram ao médico a explicação de semelhantes palavras. A curiosidade, porém, era natural, e o médico pôde lê-la nos olhos de ambos. Não lhes disse nada; entregou o testamento a Estácio, ergueu-se e deu alguns passos na sala, absorvido em suas próprias reflexões, ora arranjando maquinalmente um livro da estante, ora metendo a ponta do bigode entre os dentes, com a vista queda, alheio de todo ao lugar e às pessoas.

Estácio rompeu o silêncio:

— Mas que lacuna ou que excesso é esse? — perguntou ao médico.

Camargo parou diante do moço.

— Não posso dizer nada — respondeu ele. — Seria inconveniente, antes de saber as últimas disposições de seu pai.

D. Úrsula foi menos discreta que o sobrinho; após longa pausa, pediu ao médico a razão de suas palavras.

— Seu irmão — disse este — era boa alma; tive tempo de o conhecer de perto e apreciar-lhe as qualidades, que as tinha excelentes. Era seu amigo; sei que o era meu. Nada alterou a longa amizade que nos unia, nem a confiança que ambos depositávamos um no outro. Não quisera, pois, que o último ato de sua vida fosse um erro.

— Um erro! — exclamou D. Úrsula.

— Talvez um erro! — suspirou Camargo.

— Mas, doutor — insistiu D. Úrsula —, por que motivo nos não tranquiliza o espírito? Estou certa de que não se trata de um ato que desdoure meu irmão; alude naturalmente a algum erro no modo de entender... alguma cousa, que eu ignoro o que seja. Por que não fala claramente?

O médico viu que D. Úrsula tinha razão; e que, a não dizer mais nada, melhor fora ter-se calado de todo. Tentou